



“É pra falar câmera ou ação?”

Uma experiência de produção de vídeo com alunos do ensino fundamental

Nome: Escola Municipal Helena Antipoff

Localização: Bairro de São Francisco, Niterói, RJ

Ano de fundação: 1975

Número de alunos: 340 alunos

Segmentos: primeiro e segundo ciclos do ensino fundamental e Educação de Jovens e Adultos (EJA)

Aline tem 9 anos de idade. Está no segundo ciclo do ensino fundamental. Enquanto as professoras passavam as últimas instruções aos “alunos-repórteres” e aos “alunos-entrevistados”, ela tirava dúvidas com o colega Ronald – também de 9 anos –, que havia feito o papel de diretor da gravação de vídeo um pouco antes dela:

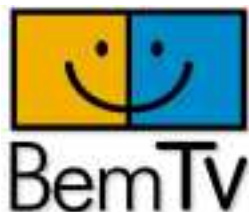
- O que é que tem que falar mesmo?
- Você olha pro câmera e diz “Câmera!”, ele vai te responder “O.k.!", depois você olha pro repórter e fala “Ação!” e ele começa a gravar, entendeu?
- Tá bem... Mas se eu esquecer você fala por mim?
- Tá bom, mas tem que falar alto!

Com a voz trêmula, Aline deu as coordenadas para que mais uma cena fosse gravada na Escola Municipal Helena Antipoff. Foram duas manhãs intensas, durante as quais cerca de 120 alunos do turno da manhã do ensino fundamental dividiram-se em quatro grupos para participar de uma oficina de produção audiovisual. Ao longo de duas horas e meia, eles conversaram sobre TV e cinema, discutiram diferentes formatos de vídeo e cada grupo criou o roteiro de uma história ficcional ou de uma matéria jornalística para ser registrada, também por eles, com a câmera.

O objetivo da atividade era refletir com alunos e professores sobre a função e o impacto social da linguagem audiovisual, preparando todos para a inclusão dessa tecnologia no projeto político-pedagógico da escola em 2007. O nome do projeto – “Escola, para quê e por quê?” – já define a proposta de problematizar o significado da escola para a comunidade.

A idéia de trabalhar com vídeo surgiu em uma reunião dos professores do turno da manhã com a equipe do projeto Educomunicar. Camila Avelino e Priscila Rosa, professoras dos primeiros segmentos do ensino fundamental, sugeriram a realização de um documentário que registrasse o olhar das crianças sobre a rotina escolar. O processo foi pensado para ser realizado por toda a escola, principalmente pelos alunos, ao longo de três meses. As ações obedeciam o seguinte roteiro:

- 1) Reuniões entre os professores para discutir como a linguagem audiovisual poderia colaborar no desenvolvimento do projeto político-pedagógico da escola;
- 2) Definição de como cada professor abordaria os temas relacionados ao documentário e ao projeto em sua turma;



- 3) Elaboração de um roteiro para o vídeo que mostrasse as atividades a serem desenvolvidas com os alunos no decorrer do projeto;
- 4) Sensibilização das crianças por meio de oficinas de produção audiovisual ministradas pela Bem TV;
- 5) Gravação;
- 6) Edição do material gravado;
- 7) Apresentação do vídeo em festa de confraternização aberta à comunidade.

Educando com, para e pelos meios: discussões pedagógicas

Desde o primeiro encontro de planejamento, duas preocupações se fizeram presentes: a produção deveria acontecer paralelamente a todos os demais projetos e atividades da escola, e as crianças deveriam ser agentes em todo o processo.

- As crianças não podem ser o “objeto” de nosso vídeo, precisam participar com a gente da realização dele - alertou a professora Karen Cerdeira.

A partir desse alerta, as demais reuniões pedagógicas foram espaço para que os professores e a coordenação da escola e a equipe da Bem TV pensassem em estratégias de inserção dos alunos. Discutiram-se as diferentes formas de trabalhar com os meios de comunicação no ambiente escolar. A coordenadora pedagógica do projeto Educomunicar, Regina Bortolini, enumerou três possibilidades.

- A educação *com* os meios prevê que vídeos, jornais ou fotos ilustrem a abordagem de um conteúdo. A educação *para* os meios forma consumidores críticos de informação. E a educação *pelos* meios propõe a produção colaborativa de mídia.

Segundo Regina, foi fácil identificar na terceira proposta aquela que melhor atendia às expectativas da equipe da E. M. Helena Antipoff. Para a coordenadora executiva da Bem TV, Márcia Correa e Castro, essa vertente representa, de fato, a maior contribuição da comunicação à educação.

- Para fazer um vídeo, você precisa pesquisar o tema a ser abordado, organizar as idéias num roteiro, conferir o que pesquisou quando grava as imagens e ainda tem um momento final de reflexão ao montar o produto. Ao longo de todo esse processo, a criança ou o jovem está aprendendo com autonomia e de forma criativa – diz Márcia.

Vendo-se no lugar do “repórter” ou do “diretor do vídeo”, a criança ou o adolescente também ganha espaço para expressar o que pensa e se sente valorizado. A autovalorização também era um resultado esperado pela equipe da escola ao envolver os alunos na produção do documentário. A secretária administrativa Jussara Pacheco, há 16 anos na escola, explica:

- A maior parte de nossos alunos vive na Grota, uma comunidade muito pobre. Acho que a baixa auto-estima é uma característica muito forte dessas crianças.

O tempo no contratempo: a divisão de tarefas

Como qualquer escola, a Helena Antipoff possui um cronograma apertado. Além do currículo disciplinar obrigatório, integram o calendário escolar festas, visitas guiadas a museus,



a feiras de livros e a lugares históricos. Em meio a uma rotina tão atribulada, foi necessário distribuir tarefas de forma organizada, para garantir a produção do documentário e de todas as ações que giravam em torno dele.

Para a professora Karen Cerdeira, o mais difícil foi garantir um processo realmente coletivo.

- Fazer um trabalho que envolva todo um turno da escola, com dez professoras, equipe técnico-pedagógica, sete turmas diferentes, cerca de 120 crianças, todo mundo produzir um mesmo trabalho foi um desafio. Alguns estudantes se envolvem e outros não, alguns professores compram mais a idéia, outros nem tanto - comenta Karen.

Cada professor escolheu um tema dentro do projeto político-pedagógico e o trabalhou na sala de aula com seus alunos. No desenvolvimento das atividades, foram definidas estratégias de inserção das crianças na produção do vídeo. O debate sobre a relação com os funcionários, por exemplo, resultou em entrevistas com eles feitas pelos alunos. Para a merendeira Nádia Maria, o trabalho foi muito positivo.

- Adorei participar, porque tira a vergonha das crianças, ajuda no diálogo com a gente, todo mundo se conhece melhor.

As professoras Elisabeth Tavares e Ana Patrícia Gonçalves, do segundo ano do segundo ciclo, investiram na linguagem musical para refletir com as crianças sobre o “porquê” e o “para quê” da escola. Falas dos alunos sobre esse tema foram registradas e compuseram a letra da canção “Um futuro melhor”, que finaliza o vídeo. Explicando o processo, o aluno Breno Félix, de 10 anos, recebe uma salva de palmas dos colegas.

- A tia Beth deu uma palavra [escola], daí a gente foi fazendo as frases e depois a música saiu - conta o menino.

Outra turma trabalhou, utilizando maquetes e desenhos, representações da “escola real” e da “escola dos sonhos”, esta com direito à piscina, quadra de esportes, máquina de “fazer pizza” e um “barco do tempo”, capaz de transportar todos para o “parque dos dinossauros”. No vídeo, os alunos apresentam essas produções, explicando o sentido de cada uma delas.

O resgate da história da escola e a construção de um mapa afetivo – em que os alunos apresentavam os espaços que mais gostavam e aqueles que menos gostavam – foram outras atividades que, inseridas no projeto pedagógico da escola, viraram “cenas” do vídeo. A apresentação do espaço físico para as câmeras ficou a cargo de Danilo Laurentino, do segundo ano do segundo ciclo.

- Essa aqui é a foto do bondinho - explica ele para a câmera, mostrando no mural a imagem de alunos visitando o Pão de Açúcar. - Sabe quem a gente encontrou lá em cima? O Bial [repórter da Rede Globo de televisão]! Ele estava gravando lá em cima, igual a gente aqui na escola!

Oficina de vídeo: sensibilização de alunos e professoras

É comum que mesmo crianças comunicativas se intimidem frente a uma câmera. (Também acontece com os professores!) Entretanto, se a idéia era tornar os estudantes



sujeitos do processo de produção do vídeo, seria necessário amenizar esse tipo de impacto. A solução foi realizar uma oficina de sensibilização, precedida por jogos e atividades de produção de texto realizadas nas salas de aula nas semanas anteriores.

Todo o esforço feito foi para desmistificar a mídia audiovisual e aproximar os estudantes dessa linguagem. Segundo estudos divulgados pelo Ibope em 2006, as crianças brasileiras passam, em média, quatro horas diárias em frente à televisão (um quarto do período útil do dia). Isso lhes dá, certamente, intimidade com os códigos da TV, do cinema e do vídeo. Entretanto, a E. M. Helena Antipoff deu a seus alunos a possibilidade de experimentar a perspectiva de produtor – e não apenas de consumidor – de mensagens audiovisuais.

- Ser capaz de fazer vídeo remete à percepção de que somos capazes de interferir na realidade - opina a coordenadora da Bem TV, Márcia Correa e Castro, que participou das oficinas com alunos.

Em cada um desses dois dias de trabalho, a oficina contemplou dois grupos de estudantes durante duas horas e meia. A primeira atividade era uma dinâmica do tipo “batata quente”. Uma caixa circulava entre os alunos, passando de mão em mão, enquanto uma música tocava. Quando a música parava, quem estava com a caixa deveria abri-la e retirar um envelope, onde estava a imagem que deveria ser comentada, o que gerava uma pequena discussão. (Foram selecionadas fotos de TV, DVD, imagens de personagens de desenho animado e de filmes de ficção.)

Num segundo momento, o facilitador da oficina explicava rapidamente as etapas do processo de produção audiovisual, do roteiro à edição. A seguir, os alunos elaboravam oralmente um “texto” coletivo. Alguns grupos se apoiaram na linguagem ficcional, outros se remeteram ao jornalismo. Logo eram divididas as funções (diretor, câmera, repórter, ator, produtor) e começava a gravação do “texto” elaborado.

- No final, todo mundo queria experimentar todas as funções. Foi uma grande algazarra, especialmente com as crianças menores. Mas, na hora em que começavam as gravações o silêncio era absoluto, sem a necessidade de broncas, o que comprova o compromisso dos alunos com a atividade - conta a coordenadora da Bem TV.

O processo das oficinas – associadas à produção do vídeo – também estimulou professoras, direção e a coordenação pedagógica da escola.

- Às vezes, são tantas coisas pra resolver, tantos incêndios pra apagar que a sensação que a gente tem é que o mundo irá engolir a gente. Essa experiência com o vídeo foi uma espécie de injeção de ânimo - explica a diretora, Carla Mendes.

O aprendizado de uma nova linguagem

No terceiro mês de trabalho, foi realizada a edição do vídeo, que seria exibido na festa de confraternização de final do ano.

- Foi pouco tempo, mas todas as professoras colaboraram e fizeram as atividades para a realização do documentário dentro do planejamento de suas aulas, o que facilitou muito - explica a supervisora pedagógica do turno da manhã, Laura Negreiros.



Não foi possível envolver toda a equipe docente no processo de edição. As professoras Camila Avelino e Priscila Rosa, primeiras a pensar na idéia do documentário, ficaram responsáveis pela montagem, assumindo o compromisso de compartilhar todas as decisões com as colegas e a coordenação durante as reuniões pedagógicas semanais.

- Pensava que ia ser fácil editar, que era só seguir o roteiro que tudo estava bem, mas na verdade foi bem mais difícil. Hoje vejo que a discussão prévia, a transcrição para o papel dos minutos de imagem gravados são fundamentais para fazer a montagem. No primeiro dia, confesso, saí da ilha de edição muito frustrada, mas agora já sei que fazem parte do processo as idas e vindas, discutir as questões que surgem com a equipe da escola, pensar as diferentes formas de se contar a mesma história - diz Priscila.

A apresentação da versão final para as professoras na escola gerou um momento de muitas reflexões.

- A gente viu no vídeo problemas que a gente identifica no nosso dia-a-dia. A crítica de alunos a alguns professores, a falta de interação entre os profissionais da escola por conta da nossa correria - completa Priscila.

Karen, professora-articuladora, salienta a reflexão sobre a relação entre alunos e professores.

- Os alunos mais envolvidos com a realização do vídeo foram aqueles que menos se adaptam à sala de aula. Foi interessante ver como eles se tornaram sujeitos de todo o processo muitas vezes por falhas nossas. Não conseguimos nos organizar para ter uma professora guiando a equipe de gravação, então eles que organizaram o *tour* de apresentação da escola. Sem querer, demos espaço, e eles pegaram a nossa brecha. Foi muito bom pra gente saber que, quando têm brechas, eles aproveitam.

Da imagem em movimento para a imagem estática: a fotonovela

A experiência do turno da manhã reverberou dentro da escola. Durante as etapas finais de produção do vídeo *Escola: pra quê e por quê?*, as professoras do turno da tarde expressaram o desejo de desenvolver outros projetos de comunicação.

- Quando a supervisora da manhã me falou da experiência com o vídeo, achamos interessante multiplicar a proposta entre as professoras dos demais turnos - lembra Célia Wolf, supervisora educacional, responsável pelas turmas de educação infantil do turno da tarde e das turmas de educação para jovens e adultos no horário noturno.

Segundo ela, a escola já desenvolvera anteriormente atividades de "leitura de imagens" com os alunos, obtendo bons resultados. Em parceria com a Bem TV, teriam oportunidade de ampliar a discussão.

Em um encontro inicial, foram discutidas as possibilidades de trabalhar a partir de diversas mídias. As professoras optaram pela fotonovela. O novo projeto também deveria estar incluído na proposta pedagógica "Escola: pra quê e por quê?". A equipe do Educomunicar organizou encontros entre os professores da escola e diferentes profissionais de comunicação capazes de apoiar a idéia.



A professora de mídia-educação da Universidade Federal Fluminense Cláudia Ribeiro explicitou as etapas de produção de uma fotonovela e definiu com as professoras um plano de ação, com um cronograma de atividades contemplando a produção do roteiro (sempre em forma de diálogos), a decupagem (divisão) da história em quadros, a realização e a edição das fotos (escolha das que serão de fato usadas), a organização das seqüências, o tratamento das imagens no computador e a arte-final.

Em um segundo encontro, o fotógrafo Marcelo Valle, apresentou as diferentes possibilidades de uso pedagógico da fotografia, além de oferecer informações técnicas.

Uma história em quadros

Para a realização da fotonovela, também foram definidas etapas de trabalho:

- 1) Discussões sobre o uso pedagógico da fotografia;
- 2) Divisão das tarefas entre professores e turmas de alunos;
- 3) Construção do texto coletivo (história contada através de diálogos);
- 4) Produção e seleção das fotografias;
- 5) Finalização e apresentação dos resultados.

De modo geral, o processo se assemelha à experiência vivenciada pelos professores que produziram o vídeo no turno da manhã. A principal diferença é que a fotonovela exigia um texto único, ao contrário do roteiro do vídeo, constituído por cenas independentes. As professoras da tarde e da noite enfrentaram, então, o desafio de construir esse texto único com as várias turmas.

A professora Karen Cerdeira – que pela manhã atua como articuladora – é responsável no turno da tarde por uma turma do segundo ano do segundo ciclo do ensino fundamental. Foi ela quem sugeriu a solução para o impasse.

- Como meus alunos são maiores e possuem mais domínio da escrita, podemos ficar responsáveis por “amarrar” as partes produzidas pelas outras turmas – sugeriu.

Idéia aceita, mãos à obra.

Quando o texto da fotonovela foi concluído, professores e alunos dos turnos da tarde e da noite estavam bastante envolvidos.

- O processo foi interessante desde o início, porque trabalhamos com uma linguagem com a qual não estamos acostumados. Os alunos estão muito orgulhosos do seu trabalho - conta Leila Abreu, professora-articuladora do turno da tarde.

Os alunos e professores do turno da tarde (ensino fundamental) decidiram contar a história do encontro entre dois meninos: um tenta convencer o outro a ir para a escola, e durante a conversa são apresentados aspectos positivos e negativos da educação formal.

À noite, as turmas de jovens e adultos optaram por uma história mais emotiva. Uma professora, ex-aluna do EJA, conta sua história de vida para um casal de alunos que vivem um romance atordoado na escola.

- Diferente do turno da tarde, no qual a proposta é capitaneada pelos professores, à noite são os alunos que lideram o processo, contando apenas com o apoio dos educadores - conta a professora Viviane Lima. Célia acrescenta, com um sorriso:



- E está o maior debate se vai ter beijo ou não na história!

O projeto da fotonovela mobilizou toda a escola e sensibilizou a Secretaria Municipal de Educação (SME). Através da Coordenação de Informática Educativa, as professoras e os alunos receberam suporte para tratar as imagens, diagramar e imprimir a publicação.

- É muito significativo que esse processo seja realizado pelos caminhos naturais da rede de ensino. Garante maior autonomia para a escola e viabiliza um caminho concreto para que atividades como essas possam se repetir sempre – explica Adriana Neves, coordenadora de informática educativa da SME.

Reflexões de uma professora:

Nesse início de século, o foco dos problemas educacionais sobre o fracasso escolar foi ampliado para o fracasso da instituição “escola”, fato evidenciado por muitos dados estatísticos, oficiais ou não, sempre divulgados pela mídia. Esse panorama, atrelado às condições de trabalho e às políticas educacionais de nossa época, contribuem para a sensação de desânimo e impotência daqueles que protagonizam experiências escolares. Diante desse contexto, toda tentativa de romper com essa lógica deve ter como pré-requisito o envolvimento coletivo dos sujeitos participantes no processo de reconstrução da escola.

Para re-significar a escola, precisamos conhecer seu significado atual. Isso pressupõe um investimento no cotidiano, às vezes banalizado, e a percepção de que é necessário dar visibilidade ao que antes não era notado. A experiência desenvolvida em 2007 na E. M. Helena Antipoff, onde atuo como docente do primeiro ciclo de escolaridade, objetivou, por meio da produção de um vídeo, conhecer as representações de nossos alunos acerca da escola e como poderíamos construir novos sentidos para aquele espaço, tornando-o mais democrático e prazeroso para todos que convivem ali.

O processo de inserção da linguagem audiovisual no ambiente escolar foi um grande desafio. Muitos entraves foram vivenciados. Nossa primeira dificuldade dizia respeito à falta de domínio da linguagem. Para iniciarmos o processo de apropriação da linguagem audiovisual, foi fundamental o estabelecimento de parceria com instituições que pudessem contribuir.

As próximas etapas foram a distribuição de tarefas, o gerenciamento do tempo, a construção de um roteiro que contemplasse as questões levantadas. Chegamos à gravação. Um dos fatos mais relevantes desse momento foi a participação ativa dos alunos. A câmera funcionou como canal de comunicação entre alunos e professores, alterando a lógica presente no cotidiano: com a palavra, os alunos.

Após a filmagem, a edição. Essa não é uma etapa técnica. É política. Durante a edição, os cortes significam silêncios. Silêncios sobre o que não se quer escutar. Ou porque se considera o dito não apropriado no contexto ou porque nos apontam questões que ainda não conseguimos ouvir. Em ambos os casos, há conflitos. Esse, no meu entendimento, é o período mais rico na elaboração do vídeo. Suscita muitas questões e revela o quanto precisamos avançar para que a escola se torne um espaço essencialmente democrático. Na democracia, o movimento de escuta é tão importante quanto a oportunização da fala.



Por último, mas não menos importante, o vídeo não deve ser entendido como fim do processo. É a partir dele que iniciaremos o movimento de mudança. Cada vez que o assistimos, o vemos com novos olhos e o sentimos com o coração. Identificamo-nos com as imagens porque fazemos parte daquela realidade, mas refletimos sobre ela porque a enxergamos através da lente. Nesse sentido, o distanciamento promove o estranhamento indispensável e desnaturaliza o cotidiano, desestabilizando o conhecimento consolidado sobre ele e permitindo a mudança necessária.

Professora Priscila Rosa